5 Bibliografia

ALLAM, Malik. *Journaux Intimes: Une sociologie de l'écriture personnelle*. Paris, Montréal: L'Harmattan/L'Harmattan Inc. , 1996.

ANDERSON, Linda R. *Autobiography*. New York: Routledge, 2001.

ANDRANDE, Carlos Drummond de. "Helena e Alice num centenário." *Jornal do Brasil*, 30 de Agosto de 1980.

ARTIÈRES, P., e B. WATY. "'Du journal contraint à l'autobiographie peinte.'" In: *Metamorphoses du journal personnel - De Retif de la Bretonne à Sophie Calle*, por C. Viollet e A. Lemonnier-Delpy. Paris: Academia Bruylant, 2007.

BAKOWSKI, Kris. *Creating Memories - Dealing with Alzheimer`s blog*. 2003. Disponível em <<http://creatingmemories.blogspot.com>> (acesso em 24 de Novembro de 2008).

BANDEIRA, Manuel. "s./t." *s./t.*

BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.

BARRETO, Lima. "Diário íntimo." *Portal Domínio Público*. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>> (acesso em 23 de julho de 2008).

BARTHES, Roland. *Incidents*. Paris: Seuil, 1987.

—. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERNANOS, Georges. "Carta a Alice Dayrell." 30 de Maio de 1945.

BEZERRA, B., e F. ORTEGA. "Revista Viver - Mente e Cérebro." Julho de 2006. http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/editorial/editorial_24.html (acesso em 20 de Novembro de 2006).

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Disponível em <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn.>> (acesso em 08 de Julho de 2008).

BOGAERT, C., e P. LEJEUNE. *Le Journal Intime - Histoire et anthologie*. Paris: Les éditions Textuel, 2006.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAGA, Rubem. “s./t.” *Diário de Notícias*, 1958.

BRANDEIS, Louis D., e Samuel WARREN. ““The Right to Privacy”.” *Harvard Law Review*, 15 de Dezembro de 1890, 5 ed.

BRANT, Vera. “Publicação eletrônica.” [*mensagem pessoal*]. Mensagem recebida por <barcellossergio@aol.com>, 26 de Outubro de 2007.

BRAUD, Michel. *Les formes des jours - Pour une poétique du journal personnel*. Paris: Seuil, 2006.

BRUSTAD, Kristen, e Dwight Fletcher REYNOLDS. *Interpreting the Self: Autobiography in the Arabic Literary Tradition*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2001.

BUTLER, Judith. *Le récit de soi*. Paris: PUF, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. ““Verdades de autobiografias e diários íntimos”.” *Revista Estudos Históricos* (FGV), n. 21 (1998).

CAMPOS, Humberto. *Diário secreto*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954.

— *Diário secreto*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954.

— *Fragmentos de um diário*. RJ/SP/POA: W. M. Jackson Inc. Editores, 1960.

CAMPOS, Paulo Mendes. “s./t.” 19-.

CAPANEMA, Gustavo. “Carta a Ignez, filha de Alice Dayrell.” 22 de Maio de 1945.

COELHO, Nelson. “Caminha para o “Best-Seller” o Diário da brasileira Helena Morley.” *Jornal do Brasil*, 2 de Fevereiro de 1958.

CORRADO, Danielle. *Le journal intime en Espagne*. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 2000.

COUSER, G. Thomas. *Vulnerable Subjects. Ethics and Life Writings*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2004.

DAUNT, Ricardo G. *Diário da Princesa Isabel (Excursão dos condes d'Eu à província de São Paulo em 1885)*. São Paulo: Anhembi, 1957.

DIAZ, Brigitte. “Lettres et journal intime au XIXe siècle: Influences et confluences.” *Épistolaire. Revue de L'A.I.R.E.* (Honoré Champion Editeur), n. 32 (2006): 15-30.

DIDIER, Béatrice. "Autoportrait et journal intime." *Corps écrit*, 1983: 167-182.

—. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

EAKIN, Paul John. *How our lives become stories*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1999.

—. *How our lives become stories: Making selves*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1999.

—. *Living Autobiographically - How we create identity in narrative*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2008.

FOTHERGILL, Robert. *Private Chronicles. A Study of English Diaries*. London: Oxford University Press, 1974.

FOUCAULT, Michel. "L'écriture de soi." *Corps Ecrit*, 1983: 3-23.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank: edição integral*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FRANKLIN, Penelope. *Private pages - Diaries of American Women 1830s-1970s*. Edição: Penelope Franklin. New York: Ballantine Books, 1986.

FREYRE, Gilberto. "s./n." *A Manhã*, 19 de Junho de 1943.

—. "s./t."

—. *Tempo morto e outros tempos - Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. São Paulo: Global, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. "'Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur.'" *Estudos Avançados* 11, n. 30 (11 1997): 261-272.

GANNETT, Cinthia. *Gender and the Journal. Diaries and Academic Discourse*. New York: State University of New York Press, 1992.

Gazeta de São Paulo. "s./t." 1 de Agosto de 1958.

GENETTE, Gerard. *Figures IV*. Paris: Seuil, 1999.

GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

GOULEMOT, Jean Marie. "As práticas literárias ou a publicidade do privado. Vol. 3, em *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*, por ARIÈS e CHARTIER R. (orgs), 371-405. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; EdUSP, 1990.

GUSDORF, Gustave. *Les écritures du moi - Lignes de vie I*. Paris: O. Jacob, 1991.

HASSAM, Andrew. *No privacy for writing - Shipboard diaries, 1852-1879*. Melbourne: MUP, 1995.

HEYDEN-RYNSCH, Verena von der. *Écrire la vi: trois siècles de journaux intimes féminins*. Paris: Gallimard, 1998.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria - diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

—. “Diários.” *2a parte, cadernos de 6 a 10, 1 bobina de microfilme, neg.* Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

—. *Meu estranho diário*. Edição: J.C.S.B. Meihy e R. (orgs) Levine. São Paulo: Xamã VM, 1996.

—. *Quarto de despejo - diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JOINVILLE, François F. P. L. M. D'Orléans, Príncipe de. *Diário de um príncipe no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KOLAK, D., e R. MARTIN. *Self & Identity - Contemporary Philosophical Issues*. NY/Toronto: Macmillan Publishing Company/ Collier Macmillan Canada., 1991.

LA ROCHELLE, Pierre Drieu. “Journal (Extraits de l'année 1940).” *Le magazine des Livres*, Setembro/Outubro/Novembro de 2007: 115-117.

LAURITZEN, Paul. ““Arguing with Life Stories: The Case of Rigoberta Menchú”.” In: *The Ethics of Life Writing*, edição: Paul John Eakin, 19-39. Ithaca and London: Cornell University Press, 2004.

LAUS, Harry. *Impressões de vida: páginas de diário. Impressões de Leituras*. Rio de Janeiro/Florianópolis: Bernúncia, 1998.

LEBRUN, François. ““As Reformas: Devoções comunitárias e piedade pessoal”.” In: *História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes*, por ARIÈS e CHARTIER R. (orgs), 71-111. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *“Cher cahier...” Témoignages sur le journal personnel*. Paris: Seuil, 1989.

—. *Le moi des demoiselles - Enquête sur le journal de jeune fille*. Paris: Seuil, 1993.

—. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.

—. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

—. “Rattrapages.” In: *La Faute à Rousseau - Revue de l'Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique*, n. 47 (Fevereiro 2008): 22-23.

—. *Signes de vie - Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005.

LELEU, Michèle. *Les Journaux Intimes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

LEVINE, Robert, e José Carlos Sebe Bom MEIHY. *Cinderela negra: A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LEVY, David. ““A identidade narrativa - Conhecer o si-mesmo é narrar sua história”.” *Mente-Cérebro & Filosofia*, 2007: 50-57.

LIMA, Luiz Costa. *Limites da Voz: Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário Íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALLON, Thomas. *A Book of One's Own - People and their diaries*. Minnesota: Hungry Mind Press, 1995.

MARIA, Antônio. *O diário de Antônio Maria*. Edição: Joaquim Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MCLEAN, Marie. ““Narrative and the Gender Trap”.” *AUMLA - Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, n. 74 (1990): 69-84.

MEIRA, Maritônio. *Jornal do Brasil*, 22 de Junho de 1960.

MELO SOBRINHO, N. C. “Nietzsche: A crítica à categoria do sujeito como ficção da metafísica moderna e o estatuto da subjetividade na filosofia da vontade do poder.” *Tese de doutorado*. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2000.

MENDES, Oscar. “A alma dos livros.” *O Diário*, 1958.

MILLIET, Sergio. *Diário crítico de Sergio Milliet*. 2a . Vol. I. São Paulo: Martins, 1981.

—. *Diário crítico de Sergio Milliet*. São Paulo: Ed. Martins, 1981.

MIRAUX, Jean-Philippe. *L'Autobiographie - Ecriture de soi et sincérité*. Paris: Nathan, 1996.

MONTANDON, Alain. *De soi à soi - l'écriture comme autohospitalité*. Clermont-Ferrand, France: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2004.

MORAES, Taiza Mara Rauen. *Diários: espaço de presença e ausência de Harry Laus - edição crítico-genética*. Joinville/SC: Letradágua, 2005.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Do navegar e de navegantes.” In: *Refúgios do Eu - educação, história, escrita autobiográfica.*, por A.C. MIGNOT, M.H. BASTOS e CUNHA M.T.S. (orgs), 181-190. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NABUCO, Joaquim. *Diários*. Rio de Janeiro: Bem te vi Prod. Literárias; Ed. Massangana, 2005.

OLIVEIRA, José Carlos de. *Diário Selvagem: o Brasil na mira de um escritor atrevido e inconformista*. Edição: Jason TÉRCIO (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. “Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade.” *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Maio de 1999. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.html>> (acesso em 23 de Junho de 2004).

PACHET, Pierre. *Les baromètres de l'âme. Naissance du journal intime*. Paris: Hachette Littératures, 2001.

PARKER, David. “Inhabiting Multiple Worlds: Auto/biography in an (anti-) global age.” *Biography* 28.1 (2005).

PEDRO II, Dom. Imperador do Brasil. *Viagens pelo Brasil - Bahia, Sergipe e Alagoas - 1859*. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2003.

PEDROSO, Bráulio. “s./t.” *Estado de São Paulo*, 1960.

QUEIROZ, Raquel. “s./n.” *Jornal Folha Carioca*, 29 de Abril de 1944.

—. “s./t/.”

RICHSHOFFER, Ambrosio. *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)*. Recife: Laemmert & Comp., 1897.

RICOEUR, Paul. *Anthologie - Textes choisis et présentés par FOESSEL, M. et LAMOUCHE, F.* Paris: Seuil, 2007.

—. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papirus, 1991.

—. *Time and Narrative*. Vol. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

ROSA, Guimarães. “Carta a Alice Dayrell.” 15 de Julho de 1958.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confessions*. Paris: Librairie Larousse, s/d. Paris: Librairie Larousse, 1971.

ROUSSET, Jean. ““Le journal intime: texte sans destinataire?”” *Poétique* XI, n. 56 (1983).

—. *Le lecteur intime - De Balzac au Journal*. Paris: Librairie José Corti, 1986.

SABINO, Fernando. “s./t.” *Jornal do Brasil*, 8 de Julho de 1958.

SANTOS, Lucia Cristina dos. “Harry Laus - Sujeito e texto.” *Humanities, Applied Social Sciences, Linguistics, Letters and Arts*. 2002. Disponível em <<http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2002/07.pdf>> (acesso em 21 de Março de 2007).

SCHARWZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SIMONET-TENANT, Françoise. *Le Journal Intime*. Paris: Nathan, 2001.

—. *Le journal intime, genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Téraédre, 2005.

SYMES, Colin. ““Chronicles of Labor. A discourse analysis of diaries”.” *Time & Society* 8, n. 2 (1999): 357-380.

TÉRCIO, Jason. *Entrevista*. Disponível em <<http://www.record.com.br/entrevista.asp?entrevista=63&origem=2>> (acesso em 26 de Novembro de 2005).

Tribuna da Imprensa. “s./t.” 8 de Janeiro de 1958.

VAN DIJCK, José. *Mediated Memories - In the digital ages*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine - Memórias de mulheres*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

WILSON, Sonia. ““Making an exhibition of oneself in public: The preface to Marie Bashkirtseff’s Journal Intime”.” *French Studies* LV, n. 4 (2001): 485-497.

WOLFF, Felipe Maria. “Cerco da Lapa - Diário do Dr. Felipe Maria Wolff.” *Separata do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*. Vol. XX. Edição: Francisco Brito de LACERDA. Curitiba, 1974.

WOOLF, Virginia. *The Diary of Virginia Woolf*. Edição: Olivier Anne Bell. Vols. I (1915-1919). San Diego/New York/London: Harvest Book - Harcourt Brace & Company, 1977.

Microfilmes

Projeto Carolina Maria de Jesus – Fundação Biblioteca Nacional

Coleção de Cadernos contendo diários – 1ª parte (1 – 5); 2ª parte (6 – 12);

Coleção Vera Eunice de Jesus Lima – Diários

Coleção de Cadernos contendo romances – 3ª parte (09- 13)

Anexo I

Em 1956, quando se mudou para o Rio de Janeiro, a escritora Vera Brant passou a conviver regularmente com Alice Dayrell. Por conta da proximidade das duas, Vera acumulou um significativo acervo de histórias sobre a escritora mineira – muitos fatos, corriqueiros, de convívio cotidiano entre as duas, demonstram bem a personalidade e o caráter de Alice, que nunca perdeu a vivacidade e a energia da menina Helena Morley. Em contatos por email, Vera Brant mostrou-se bastante generosa ao me fornecer o material que segue. A fortuna crítica faz parte do acervo de Vera, compilados por ela, e aqui se encontram reproduzidos tal como me foram enviados.

Sobre a tão polêmica veracidade do diário de Alice e/ou a interferência, ou autoria, de Mario Brant e Abgar Renault na redação do livro *Minha vida de menina*, reproduzo as palavras de Vera em email:

Estimado Sérgio,

Li o livro do Schwartz, *Duas Meninas*, e vi a referida nota.

Quem conheceu Alice e Augusto Mário, conviveu com eles, sabe que o livro só poderia ter sido escrito por ela.

Eram duas criaturas absolutamente diferentes.

Conversar com Alice foi das coisas mais deliciosas da minha vida.

No meu artigo conto algumas passagens.

Se as suas conversas tivessem sido gravadas, teriam dado um livro mais interessante ainda que *Minha Vida de Menina*.

Talvez o Augusto Mário e o Abgar Renault, seu genro, tenham feito alguma correção.

Mas eram tão sérios e éticos, intelectualmente, que não acredito que tivessem mudado uma só frase inteira.

Quando escrevi *A Ciclotímica*, meu primeiro livro, (está no meu site: www.verabrant.com.br) fui passar uma tarde na casa de Alice para que o Abgar me ajudasse a corrigi-lo. Ele lia determinadas frases que já havia anotado e dizia: Preste atenção na sonoridade. Mude alguma coisa.

Eu não entendia nada dessa sonoridade à qual ele se referia e dizia: Sugira você. Ele, sério e meio bravo: Não posso, O texto é seu. Só você pode modificar.

Com essa dignidade intelectual, não teria mudado uma só palavra no livro de Alice.

O mesmo teria acontecido com Augusto Mário, com o mesmo nível de seriedade e correção.

Quando escrevi o artigo que publiquei na *Revista Leitura* e mandei a você, gostei tanto de recordar Alice que estiquei o texto.

Agora estou na dúvida se mandei este último ou só o primeiro.
Vou procurar e mandar novamente.

Muito sucesso no seu trabalho.
Um grande abraço,
Vera (BRANT 2007)

A narrativa é quase história natural; mas uma história natural de que acabamos não sabendo separar a história pessoal da menina chamada “Helena Morley”, de tal modo nos habituamos a vê-la, não só como uma menina qualquer – um caso sociológico – mas com seus característicos, seus cacoetes, suas sardas, na variedade de situações sociais e psíquicas em que se delicia em retratar-se no diário. Retratos sempre de grupos; grupos de família, grupos de colegas, procissões até, das quais a autora do diário se destaca sem que deixemos de ver sua mãe, sua avó, seu pai, suas irmãs, suas tias, seus professores, as negras da casa, as visitas.

Daí o interesse sociológico e histórico do diário de menina brasileira, agora publicado – mesmo que não seja literalmente diário nem literalmente história. Como a biografia do Barão Geraldo de Rezende por sua filha, Dona Amélia de Rezende, esta quase autobiografia de menina mineira nascida ainda sob a influência social: São Paulo, Minas, o Norte monocultor. (FREYRE, s./n. 1943).

Se dona Helena Morley fosse mais pretensiosa poderia dar ao seu livro um título mais ou menos assim: “Retrato de uma cidade brasileira nos fins do século XIX” – ou “Memórias do último período do patriarcalismo escravocrata” (esse eu calciei numa frase de Gilberto Freyre) ou qualquer coisa idêntica de sabor sociológico e erudito. Porque esse diário de uma menina representa na verdade um apanhado maravilhoso dos costumes, das tradições, é um retrato a bico de pena da cidade de Diamantina nos fins do século passado, com seus tipos populares, suas festas, seu pitoresco, seu primitivismo de localidade aonde não chegou ainda uma ponta de trilho, e está a meio século de distância da primeira asa de avião. (QUEIROZ, s./n. 1944).

Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945
Minha cara Ignez,

Peço que dê a sua mãe uma informação.

Ontem aqui estive para se despedir Georges Bernanos, que, varrido pelo nazismo, morou quase sete anos no Brasil e agora volta para a França.

Conversamos muita coisa: o após-guerra, o nosso povo, De Gaulle, Euclides da Cunha, pintura, André Gide... Tendo eu dito que Gide é muito lido entre nós, principalmente o jornal, Bernanos, numa súbita associação de ideias, disse que um dos livros que já o feriram é o de Helena Morley. Falou com veemência. Guardo algumas: *c'est une oeuvre géniale... un livre unique, impossible à traduire ... c'est un miracle, comme le miracle de Rimbaud ...*

Falei essas coisas ao Abgar. Mas talvez não tenha dito tudo. Depois, você é que é filha.

Tenho ouvido muito elogio ao livro de sua mãe. Nada me parece tão forte como as palavras de Bernanos.

Certamente elas hão de agradar ao seu coração.

Receba as cordiais expressões de amizade do seu velho,
Capanema. (CAPANEMA 1945)

Prezada Senhora:

Muito me emocionou a gentileza de enviardes a mim o vosso livro, pois na verdade acredito que já sabeis quanto o admiro e amo.

Escrevestes um desses livros raros em todas as literaturas, livros que nada devem à experiência, ao talento, mas tudo devem ao *ingenium*, ao gênio, pois não se deve ter medo dessa palavra tantas vezes desviada do seu significado, ao gênio considerado em sua própria fonte, ao gênio da adolescência. É que aí as recordações de uma simples menina de Minas apresentam o mesmo problema que os fulgurantes poemas de Rimbaud. Por mais prodigiosamente diferentes que pareçam aos imbecis, sabemos que essas recordações pertencem à mesma parte misteriosa – mágica – da vida e da arte.

É provável que ignoreis o valor do que nos destes. Eu, que o sinto tão profundamente, não saberia defini-lo. Conseguis que nós vejamos e amemos tudo o que vistes e amastes naqueles dias distantes, e cada vez que fecho o vosso livro convenço-me de que o espírito dessa narrativa me escapa. Mas que importa?

É bem emocionante que se diga que a menina que fostes, bem como o pequeno universo em que ela viveu, não morrerão nunca.

Peço-vos que aceiteis as minhas homenagens.

G. Bernanos. (BERNANOS 1945)

Não sou profeta, mas “Minha Vida de Menina” há de ficar na literatura como um desses clássicos peculiares como os diários de Pepys, de Maria Bashkirtseff, de Anne Frank. Ao contrário da obra de Lewis Carroll, aí se conta a história de uma menina em um país de verdade. A composição do mural é tão intuitivamente certa que espanta: as experiências se desdobram e completam a pintura com uma naturalidade admirável.

Tenho a pretensão de conhecer melhor Minas Gerais e seu povo depois dessa leitura. Por outro lado, li algumas passagens a uma garota de sete anos, e a sua reação foi exigir um exemplar somente para ela. É a grande doçura do livro: não tem idade. Por isso mesmo, acho que o editor da obra andaria avisado se fizesse publicar um volume ilustrado por um desenhista capaz de traduzir o enternecimento (sem qualquer pieguice) de “Minha Vida de Menina”. Já é tempo de dar essa obra como um esplêndido presente, à infância e à juventude. (P. M. CAMPOS 19-).

Rio, 15 de julho de 1958.

À ilustre conterrânea e admirável escritora D. Alice Brant, muito e vivamente agradeço o gentil, oferecimento do “Minha Vida de Menina” – que já lera e relera, em outra ocasião, com encantamento e amor, considerando-o como um dos maiores livros brasileiros, dos mais importantes.

E em grata e cordial homenagem beija-lhe as mãos o

Guimarães Rosa. (ROSA 1958).

... E, vinda de Minas Gerais, também surgiu a extraordinária Helena Morley, com o seu “Minha Vida de Menina”. “Esse é um caso único na literatura brasileira, e o seu comentário exige artigo à parte”.

Senhores do artifício e da invenção, romancistas do retorcido e do complicado... vinde aprender uma lição de clareza e de simplicidade. Porque este diário de uma menina representa, na verdade, um apanhado maravilhoso dos costumes, das tradições, é um retrato a bico de pena da cidade de Diamantina nos fins do século passado... Poucas vezes, em minha vida, tenho percorrido uma obra impressa com tão integral emoção. (QUEIROZ, s./t/ n.d.)

É uma biografia disfarçada, esta, de Helena Morley, mas ao mesmo tempo é uma espécie de história natural da vida da família brasileira no último período do patriarcalismo escravocrata e numa região menos conhecida que o nordeste da cana de açúcar. Sob esse aspecto é que o diário de Helena Morley me interessa mais vivamente.

Uma série de fatos, aparentemente sem importância, são recordados num português tão simples... que lembra o inglês dos bons e autênticos diários britânicos e norte americanos de moças e mulheres. E através dessa série de fatos miúdos e quotidianos, mas significativos, o leitor se familiariza com a menina-moça... e com o mundo quase completo de sua experiência, de sua vida de família, de seu desenvolvimento de colegial em normalista. Um desenvolvimento a que não faltam situações moderadamente dramáticas: a morte da avó querida, por exemplo. (FREYRE, s./t. n.d.)

A leitura do livro confirmou minha expectativa, fundada nos elogios que à obra tinham feito homens como Bernanos. Como ele, sinto também que aquele mundo de Diamantina não morrerá jamais. Sinto igualmente que o centro daquele seu mundo é a figura da avó; eis um dos mais fortes e impressionantes retratos da nossa literatura. (BANDEIRA n.d.)

Não me espanto desse livro estar em quarta edição; se o brasileiro tivesse algum hábito de ler ele devia estar na décima. É difícil imaginar um livro mais macio, mais simples, mais engraçado e comovente, um livro que seja assim capaz de agradar a qualquer pessoa, seja qual for seu gosto em leituras. Se você quiser

dar um livro de presente, dê esse, porque dá sempre certo: estou falando de “Minha Vida de Menina” de Helena Morley. É o diário verdadeiro de uma menina de Diamantina, no fim do século passado. A autora, que na verdade é a senhora Alice Brant, ordenou os cadernos em que fazia suas composições, na infância, para mostrá-los às suas netas, e daí veio a ideia do livro.

Já está ele traduzido para o inglês pela excelente poetisa norte-americana Elizabeth Bishop, que vive no Brasil; acho que a Divisão Cultural do Itamaraty devia se interessar pela sua tradução em outras línguas, pois é um comovente retrato da vida brasileira em certa época e em certa região.

É um livro, como se costuma dizer, sem literatura; chegará a ser arte o que não é elaborado, o que não sofre nenhuma transposição? Mas aí é que está o milagre da coisa. Muitas outras meninas viviam em Diamantina no fim do século, e o professor de português da Escola Normal obrigava as alunas a fazerem uma composição quase todo dia. A realidade era mais ou menos a mesma para todas. A sensibilidade especial dessa menina, aliada a um jeito natural para escrever, é que permitiu esse milagre de nos trazer até hoje, e para sempre, viva, essa Diamantina de mais de 60 anos atrás. E isso não é arte? E qualquer escritor pode aprender muito aqui e muito tem a invejar, principalmente esse casamento perfeito da linguagem com o assunto. O português não é sempre correto, do ponto de vista gramatical; é corretíssimo, é magistral como expressão do tempo e do meio, e merece todo um estudo de filosofia.

Como eu gostaria de ver esse livro ilustrado! Teria de ser um desenho bem simples, sem nenhuma pretensão, talvez Percy Lau ou Noêmia, em todo caso o desenhista teria de ser documentado sobre Diamantina e assessorado pela autora sobre as modas do tempo e o jeito das pessoas. Faça isso para a quinta edição, José Olímpio, e, mesmo que encareça o livro, não tem importância, ele merece e vale.” (BRAGA 1958)

As evocações de uma menina brasileira, no fim do século passado, no município mineiro de Diamantina, estão apaixonando, cada vez mais, o público norte-americano, advertido por vários críticos categorizados da existência, numa admirável tradução inglesa, de uma obra realmente encantadora, que guarda em suas páginas o encanto mágico da infância.

A Sra. Alice Caldeira Brant, já cientificada deste e de outros honrosos julgamentos, disse à Tribuna da Imprensa:

- Talvez os americanos tenham gostado da simplicidade com que escrevi. É a única explicação que encontro para tudo o que está acontecendo.

- Trata-se de registros sentimentais feitos por uma criança e sujeitos, por isso mesmo, à volubilidade própria da infância. Sempre que eu desejava criticar alguém, meu pai me pedia para não fazer diante dele ou de mamãe, ou mesmo diante de minhas amigas. Mandava que eu escrevesse tudo, desabafasse diante de uma folha de papel. Anotando os dias, comecei o meu livro aos treze anos de idade. Até a idade adulta, continuei com o hábito. Devo dizer que jamais tive a intenção de publicar coisa alguma. Mas minha família insistiu, convenceu-me de que eu era realmente uma escritora. O livro saiu no Brasil e eu pensei que tudo tivesse acabado aí. Mas sua história continua... (s./t. 1958)

Não fosse o entusiasmo com que o receberam uns poucos escritores de sensibilidade mais apurada, por ocasião de seu lançamento, e o grito transbordante

de entusiasmo com que o saudaram Bernanos, então vivendo entre nós, a considerá-lo obra de gênio, e talvez não tivesse sobrevivido à onda de sucessos transitórios que de vez em quando afoga nosso mercado editorial. E ressurgiu agora, em mais uma edição, depois de inesperado sucesso que foi seu lançamento em inglês, constituído em best-seller e saudado pelos melhores críticos americanos. (SABINO 1958)

Caminha para o “Best Seller” o Diário da brasileira Helena Morley

Um fator da impressionante aceitação que o livro vem tendo aqui, é por tratar-se de um diário de menina. O tema está na moda. Vejam este trecho de Mildred Adams, no “New York Times”: “As anotações alegres da jovem anglo-brasileira estão em tempo, circunstâncias e geografia, alguns mundos distanciados das revelações sombrias da alemã Anne Frank. Embora ambas sejam, ostensivamente, produto de adolescentes sensíveis. Tendo aceitado a tragédia da realidade de Anne Frank, o leitor precisa agora contrabalançá-la com essa nova afirmação de que a juventude não é sempre torturada”.

Outro fator prende-se ao “exotismo” brasileiro. Observem este trecho de uma crítica que saiu na capa do “Book Review”, do “New York Herald Tribune” entre duas grandes e boas fotos de Diamantina, sob o título de “Menina Encantada, Diário Clássico”, observem o desejo de imprimir ao cenário, costumes, às coisas, aos homens, tons exóticos que lembram folhetos de turismo: “Minas Gerais, maior que o Texas, foi cenário de grandes comoções no século dezoito, quando aventureiros para lá seguiram em busca de ouro e diamante. São terras misteriosas e perdidas, quase todas circundadas por montanhas e onde se encontram pequenas e poucas cidades, fundadas nos dias coloniais. De todas elas, Ouro Preto é a mais interessante...” O crítico, que é Hubert Herring, prossegue falando das estranhas maravilhas de Ouro Preto, de Aleijadinho, das igrejas barrocas e que conclui que Diamantina é uma cidade pobre, como o era em 1893, quando Helena Morley escreveu o seu diário. (COELHO 1958).

Na verdade o que há nesta obra, além de qualquer comparação de época e costumes, é uma deliciosa evocação do mundo infantil. As impressões da menina provinciana de Diamantina ressurgem por vezes as relações de uma sociedade menos complexa, de um Brasil atrasado, sem as formas organizadas de produção, onde permanecia – principalmente na região evocada – um simpático aventureiro a jogar com as dádivas da terra. Mas apesar destas diferenças – que uma atualidade industrializadora exagera – não houve modificações essenciais nos conflitos humanos. Ao se rememorar os tempos passados como os melhores, há apenas um saudosismo que sempre existiu nas gerações mais velhas.

Não é pela simplicidade dos hábitos de Diamantina dos fins do século passado – como promete a autora – que a leitura de “Minha Vida de Menina” nos seduz. O encantamento está no retorno que empreendemos aos nossos valores infantis, a nossa efabulação descompromissada, no reviver os julgamentos que precederam nosso encontro com a realidade adulta. (PEDROSO 1960)

Esta “obra prima”, como a classificou Georges Bernanos, traduzida para o inglês pela poetisa Elizabeth Bishop, conquistou o mais alto galardão para as letras femininas do Brasil. Um livro escrito com as tintas indeléveis da poesia e da ternura; um livro que hoje se inclui entre os mais famosos diários jamais escritos em quaisquer idiomas.

Com o lançamento da quarta edição de “Minha Vida de Menina”, de Helena Morley, a Livraria José Olympio Editora está reapresentando um dos grandes êxitos brasileiros da literatura de memórias. Escrito sob a forma de diário, o livro descreve a vida de uma adolescente brasileira nos fins do século passado, integrada no ambiente típico de uma cidade provinciana da época - a cidade de Diamantina, no Estado de Minas Gerais. Relato minucioso da existência quotidiana numa cidade que conhecera os seus dias de glória com a mineração de diamantes, “Minha Vida de Menina” é portanto um rico manancial de hábitos, costumes e tradições populares e, sobretudo, o retrato fiel de uma família brasileira há quase setenta anos passados. Escrita com admirável simplicidade, graça e emoção, esse diário constitui a mais autêntica revelação de uma escritora.

Helena Morley deu à literatura brasileira o seu livro clássico no gênero, que é ao mesmo tempo um extraordinário documento sociológico. Precisamente o que mais sobressai nesse livro encantador é o seu aspecto humano, o conteúdo psicológico, os retratos admiráveis de homens e mulheres, crianças e adolescentes, que nos chegam do fundo do passado cheios de autenticidade e de calor, mundo recriado pela memória e por sua legítima vocação literária que não precisaria de outras provas para garantir sua própria sobrevivência. “Um milagre, como o de Rimbaud”, asseverou Bernanos: “um dos mais fortes e impressionantes retratos da nossa literatura”, escreveu Manuel Bandeira. (s./t. 1958)

O pai que lhe conhecia bem a vivacidade e a inteligência aconselhou-a a escrever diariamente o que visse e sentisse e a menina Helena Morley (pseudônimo da Sra. Alice Brant), neta de inglês, com treze anos de idade, começou a anotar em seus cadernos de colegial os acontecimentos de sua vida cotidiana, na cidade de Diamantina, aí pelos anos 1893 a 1895.

Quase meio século depois, aparecem em livro essas anotações do dia a dia de uma adolescente. O livro, pelo seu frescor e pelo seu viço, pela sua franqueza, pela sua limpidez, pela sinceridade de seu depoimento, pela veracidade da observação, pela ausência de literatura reformante, pela veracidade da observação, pela ausência da literatura deformante pela vida que nele pulula e vibra torna-se um “best-seller”, na sua quarta edição e arranca de escritores como Bernanos frases assim: “obra genial, livro único, impossível de traduzir, milagre, como o milagre de Rimbaud”, é traduzido para o inglês e os críticos norte americanos aclamam-no com entusiasmo.

Qual o segredo, qual a magia oculta que faz dessas páginas escritas sem intenção de publicadas, uma pequena obra prima de graça, de ingenuidade, de emoção e de poesia? Nelas não há profundezas psicológicas, precocidades geniais, requintes de forma, acontecimentos importantes e sensacionais. Há simplesmente a vida, a vida que flui, no seu cotidianismo, mas a vida vista através da curiosidade e da sensibilidade, da inteligência e do espírito de uma adolescente num meio provinciano, em fins do século passado.

(...) A vida que flui... eis o segredo da graça e do sabor desse livro. A vida vista pelos olhos de uma menina numa cidade do interior de Minas. Menina viva, inteligente, perspicaz, que vai observando os contrastes, as contradições, as complicações, os absurdos, os enigmas, as desigualdades e as injustiças da nossa decaída condição humana e dando opiniões, apontando ridículos, condenando o que lhe parece errado ou injusto. Nessas opiniões e comentários, predomina a

franqueza e há neles, por vezes, uma nota de malícia, de ingênua desfaçatez dum sabor delicioso.

(...) Onde está o resto de tão delicioso depoimento? Existem outros cadernos? E se existem, por que não publicá-los? Por que privar-nos de tão puro e refrescante sorvo de vida?. (MENDES 1958).

O livro *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley – pseudônimo da brasileira Alice Brant – foi publicado há pouco em Paris e vem recebendo grandes elogios da imprensa parisiense. A revista feminina *Elle* está aconselhando a suas leitoras a leitura das páginas da escritora brasileira, comprando-a a Anne Frank.

Quem nos dá essa informação é o repórter Luis Edgard de Andrade, do JB, que está em Paris:

PARIS (Via Panair) – Publicando uma seleção do diário de Helena Morley, escrito em Diamantina – Minas Gerais, entre 1893 e 1895, por D. Alice Dayrell Brant, a revista feminina *Elle* aconselha a suas leitoras francesas: “Leiam algumas páginas. Vocês serão imediatamente conquistadas. A menina Helena se tornará para vocês a irmãzinha de Marie Bashkirtseff e de Anne Frank”.

A tradução francesa de *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley – feita pela Sra. Marlyse Meyer – acaba de ser lançada, em Paris, pela editora Calmon-Levy (a mesma casa que publicou, na França, o diário de Anne Frank), e o seu prefácio é um fac-símile da carta que, em 30 de maio de 1945, Georges Bernanos, então exilado no Rio de Janeiro, dirigiu à sua autora. (MEIRA 1960).

HELENA E ALICE NUM CENTENÁRIO

Missa no Mosteiro de São Bento, pelo centenário de nascimento de Alice Dayrell Caldeira Brant. Entre parênteses, no convite pelo jornal: Helena Morley. Está dito tudo. Há cem anos nascia a autora de *Minha Vida de Menina*, livro sem par na literatura brasileira.

Dispomos de outros registros da vida infantil, assinados por pessoas que, chegando à idade madura, se voltaram com nostalgia para o que o poeta chamava de “aurora da minha vida”. Nenhum desses testemunhos, entretanto, oferece a singularidade que torna o livro de Helena Morley incomparável: ele não recompõe o passado, com maior ou menor fidelidade; vive-o, respira-o, insere-se nele. Porque se resume na seleção de notas de uma garota do interior, a quem o professor recomendava que fizesse redações. Então a garota foi registrando em cadernos o dia-a-dia familiar. Muitos anos mais tarde, por iniciativa do marido e de uma filha, esses apontamentos foram publicados em livro – e com isso ganhamos um texto que conquistou para o Brasil o interesse e a simpatia de inúmeros leitores estrangeiros, à frente dos quais um Georges Bernanos e uma Elizabeth Bishop.

A espontaneidade da expressão é o primeiro trunfo de Helena para conquistar leitores com que ela nunca sonhou. Helena é simples, direta, alheia à literatura, e só conta o que viu e sentiu. Em 24 de agosto de 1893, chega em casa “tão diferente que Renato foi me olhando e dizendo: Olha a cara dela! Luisinha que é melhor mil vezes do que ele disse: Como você ficou bonita, Helena! Quem te arranjou assim? Eu respondi: foi Éster. Conversando com elas na pedreira eu disse que sabia que era feia mas não me incomodava porque mãe Tina me criou sabendo que o feio vêve, o bonito vêve, todos vêvem. Quando eu disse que era feia, Éster exclamou: Você feia? Deixe-me arranjá-la e você verá. Consentiu, ela pegou na tesoura e cortou-me o topete, penteou-me, depois me pôs pó-de-arroz, e quando eu olhei no espelho vi que não era feia. Elas riram muito quando eu contei o nosso

sistema aqui de untar o cabelo com enxúdia de galinha até ficar bem empastado. Ela me disse que lavasse os cabelos depois anelasse e fosse lá para me pentear. Que bom eu ter feito amizade com a família de dona Gabriela. Elas são tão boas! Se não fossem elas eu nunca me lembraria de cortar o topete e pentear os cabelos na moda. Éster achou graça de eu lhe contar que mãe Tina dizia que o bonito véve, o feio véve. Ela disse: É verdade, mas o bonito véve melhor. Como estou hoje feliz de ter ficado bonita!”

O livro todo é nessa toada, e precisamente porque não pretende senão o exercício de escrever, numa espécie de diário doméstico, atinge fundo na descrição do ambiente da família brasileira modesta em zona de mineração. Tudo está refletido aí: a pobreza, o sonho de libertação das necessidades, o convívio social, a despreocupação, a alegria, e a tristeza do viver, sobretudo a alegria, pois a infância de Helena “tem o gênio de rir de tudo”. Confissão: “Eu sou impaciente, rebelde, respondona, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja”. Mas é, principalmente, dona de um espírito vivaz, bem-humorado, que capta o aspecto grotesco das cenas e das coisas e se diverte em passar em revista o minimundo de Diamantina. Seu Broa, Siá Ritinha, Iaiá, Madrinha Quequela, o professor Catãozinho, Tia Madge, o ladrão misterioso que virou cupim, chichi Bombom ... as figuras são reais, as lendas são imaginação mística do povo. Só que Helena, cabecinha crítica, não vai nessa história de ladrão que depois de furtar, vira cupim. Por que não prendem o cupim? – indaga. Pergunta que ainda hoje se pode fazer, sem resposta: por que não descobrem, por que não prendem os que praticam atentados terroristas, em tantos lugares diferentes do Brasil?

Quase que eu ia fugindo ao meu assunto, que é o centenário de Helena. Uma data de família que assumiu aspecto de data literária nacional, pois repito, Minha Vida de Menina (que José Olympio teve o faro de identificar e lançar em 1942, hoje em 15ª edição, e traduzido para o inglês, francês e italiano, além de publicado igualmente em Portugal) é livro único na galeria de memorialistas nacionais.

Menina de eterno viço, lembro-me de sua autora na última quadra de sua existência: era a criatura encantadora de sempre, com uma verve, uma irreverência intelectual que se manifestava a todo momento. Relembrei o que ela me contou certa ocasião:

Santo Antônio é o santo de minha antipatia.

Por que, dona Alice?

Eu era garota e apareceu lá em casa um garimpeiro que preveniu mamãe: “Vim aqui para salvar seu marido de fazer sociedade com seu Antonico. As terras em que ele vai trabalhar não têm um tico de diamante. “Mamãe respondeu: “Foi Santo Antônio que mandou você aqui. Acabei de rezar uma novena a ele”. Papai não fez sociedade, e os diamantes estrelaram na bateia. Ficamos os únicos pobres da família. Viu o que Santo Antônio fez com a gente?”

Alice Brant e seu pseudônimo Helena Morley formaram uma só pessoa rara, pela sensibilidade e pelo talento. (ANDRANDE 1980)